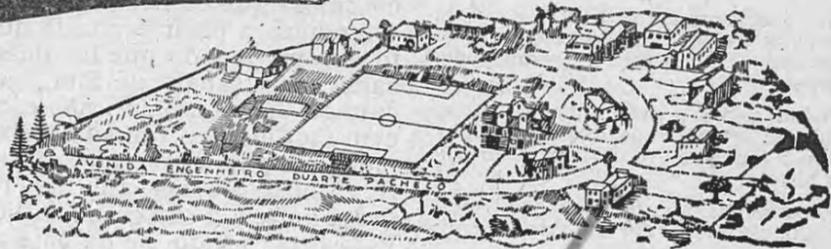




O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º — 196
Preço 1\$00

UMA CARTA

«Seja Louvado N. S. Jesus Cristo.

Há já alguns anos que ando para lhe escrever, mas só agora me vi quase forçado a isso. Admiro muito "O Gaiato" e leio-o sempre todo, apesar de me fazer doer bastante a cabeça. Eu não posso ver ninguém sofrer e muito menos às criancinhas inocentes. Fica-me a cabeça a doer. Choro mesmo sem querer mas não posso fazer nada mais do que rezar e sofrer. Eu queria pedir-lhe uma coisa: espalhe ainda mais O Gaiato. Vamos depressa para os cem mil. Ai O Gaiato! Eu espero em O Gaiato; eu quase que só espero n'O Gaiato! E' o único jornal capaz de salvar o Mundo. Está o Mundo em chamas; só O Gaiato as poderá apagar.

Vamos, Pai Américo, mande O Gaiato para as *Escolas*, para que os professores o leiam ao Portugal, ao Mundo de amanhã; para que a infância beba nele o leite do amor de Deus e do próximo e desde já se habitue a ver Deus como Pai e ao próximo como irmão. Mande O Gaiato para os *Liceus*, etc. Que ele sirva de livro de texto nas aulas de Moral. Mande O Gaiato para as *Universidades*, para servir de norma no estudo e interpretação das leis. Mande O Gaiato para os *Seminários e Casas Religiosas* para que façam sobre ele a meditação e o exame de consciencia. Mande O Gaiato para todas as *Famílias*, e já ninguém porá entaves à obra da Criação. Mande O Gaiato para todas as *Fábricas e Oficinas* e já não haverá senhores e servos mas só irmãos. Mande O Gaiato para as *Casas do Povo*, etc., para os nossos trabalhadores rurais, terem texto de leitura, verdadeiramente recreativa e verdadeiramente formativa, aos Domingos, etc..

Ai O Gaiato! Só ele é que poderá salvar o Mundo! Só nele é que eu espero!

Mande-o aos Homens do Governo para que eles vejam o veneno que tantos e tantos professores, de todos os ramos e graus de ensino, inoculam nas crianças e nos jovens, no Portugal de amanhã.

Mande-o aos Homens do Governo para que eles contem, se po-

dem, tantos inocentes que já o não são ao saírem das nossas casas de espectáculos.

Mande-o aos Homens do Governo para que eles vejam como Portugal se some... na viela...

Ai O Gaiato! Só nele é que eu espero! Só ele é que poderá salvar o mundo!

Mande O Gaiato às *Conferências de S. Vicente de Paulo* para que tenham cada vez mais vida.

Mande O Gaiato aos núcleos da *Ação Católica* para nas suas reuniões e cursos terem melhor conhecimento do seu campo de apostolado.

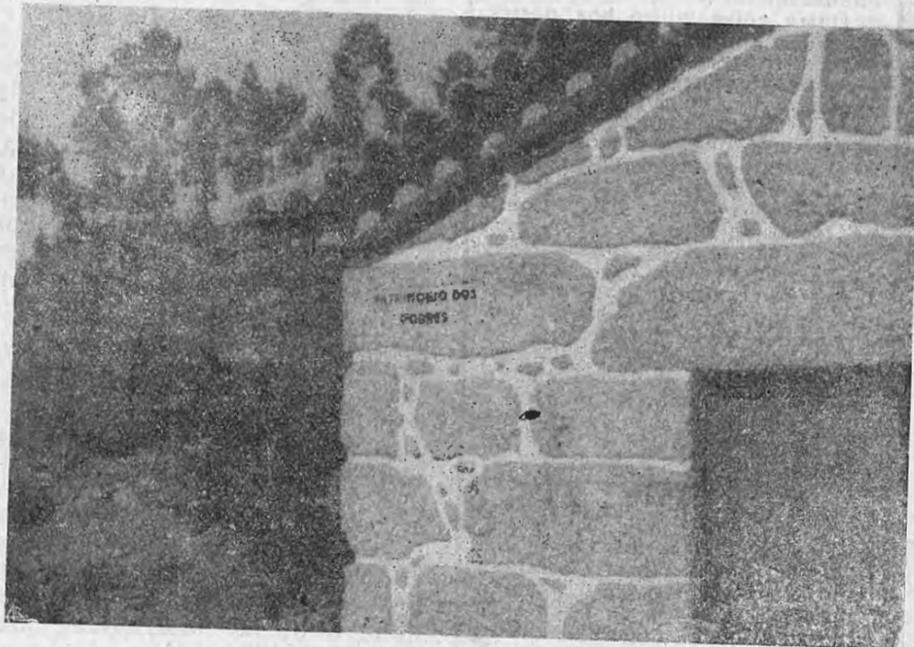
Mande O Gaiato a todos os *párocos*, para lhes servir de norma.

Mande O Gaiato a todos os portugueses de aquém e de além mar, aos portugueses que estão espalhados por todo o mundo. Mande-o a toda a gente e renovar-se-á a face da terra...

Escreva, Pai Américo, distribua os dons que Deus lhe deu, dê Deus às almas, mostre ao mundo a Luz, indique à Humanidade transviada o único «Caminho que leva à verdadeira Vida.»

Ai O Gaiato! Só ele é que po-

Continua na 4.ª página



Quem tiver uma lente, amplie as minúsculas e leia Património dos Pobres.

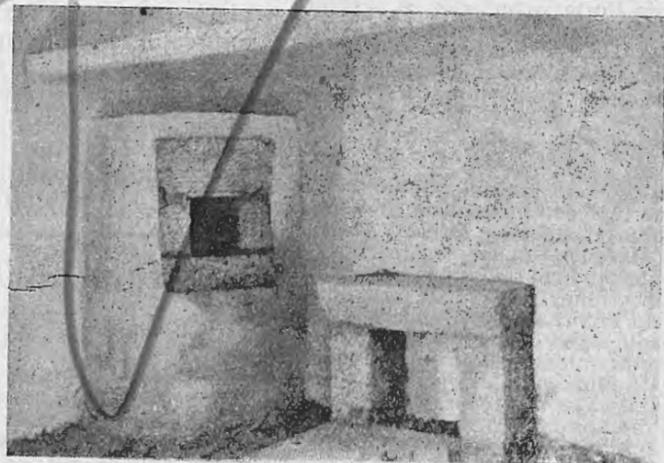
Também são numeradas, a começar pela sua ordem, de forma que acnde se lê um número aí se vê uma indicação de quantas casas já feitas.

Património dos Pobres! Acabe-se com a vala comum dos vivos! Dê-se a estes morada decente e aos mortos sepultura.

É o forno.
O forno
mais a la-
reira.

Pão e
calor. O
mínimo, e
sem este
mínimo,
não se vi-
ve. Aonde
ele não
houver,
não há
doutrina.

CASAS PARA P



Nunca houve nada mais doce nas colunas do nosso jornal. O nome. A ocasião. A necessidade. O bem. O doçura das doçuras! O material que dispomos para esta grande empresa, é a benção dos moradores. São eles. Não é mais ninguém a fazer as casas. O mundo que abra os olhos e chame às coisas pelo seu próprio nome. A luz do nosso bom Deus, não há equívocos. Em Deus tudo é Sim. Esta obra em que actualmente estamos empenhados é um Sim eterno. Por isso mesmo já se encontram pagas mais de quinze habitações, estando apenas sete delas totalmente construídas. Por isso mesmo os leitores acreditam espantosamente em tudo quanto aqui se diz e dão as vísceras. Dão dúzias. Dão toda a beleza que vai na procissão. Agora mesmo anda-

mos empenhados em escolher, entre tantos desta Freguesia, os futuros moradores de cada uma das casas, cujas portas se lhes abriram na última semana de Agosto; e temos aprendido de cada um lições de generosidade. Bem entendidas as coisas, dão-nos muito mais os pobres do que nós damos a eles. Isto é doutrina certa. Isto é material de construção.

Casas para pobres! Na infância do cristianismo e tempo das Catedrais os seus obreiros e padroeiros, procuravam o estado de graça para se considerarem a si mesmos, uma coisa ou outra; tal o amor com que o faziam! Catedrais aonde se ia render culto a Cristo Vivo; casinhas aonde se vai tratar do Pobre. Aonde a diferença? Se o próprio Deus a não faz, porque é que nós a fazemos? Isto era na infância. Hoje, ainda é infante o Cristianismo. Hoje vale o que valia ontem. Se existe caducidade, somos nós!

Casas para os pobres! O' nome bendito! O' empresa única, que santifica todos os seus obreiros!

E vamos prás cem.

UMA NOTÍCIA

Eu li a acta; pedi o livro propostadamente e tomei conhecimento. Os vicentinos do Lar do Porto, deliberaram na sua última reunião, fazer uma visita às *Casas dos Pobres* de Paço de Sousa, e fizeram; o António Prata, o Amadeu Elvas, o Carlos Vello e o Licínio. Foram estes os designados. Muitas vezes acontece que estes mesmos vêm fazer aqui o seu fim de semana, porém, desta, se do eles os mesmos, não eram os mesmos; eram embaixadores dos Pobres. Vinham em nome dos seus senhores, do Porto. Uma vez aqui assim tiram à reunião semanal dos seus colegas, declararam, nela, o fim da sua visita e foram todos, em romaria, até ao lugar aonde se encontra um grupo de quatro habitações. É prável que alguns de nós venham, mais tarde, a fazer suas crónicas sobre esta missão. Esperamos. Só eles sabem dizer.

AQUI, LISBOA!

Já regressados da praia, tisonados do sol, os rapazes andam agora de volta da colheita do milho. O Zé Eduardo—o homem do Brasil—pega na vara dos bois, por desporto, e encaminha o carro abarrotado de malta, para o campo.

Ali todos saltam em terra e se tiram às espigas. Uns enchem os cestos, outros acarretam. O carro volta, a gemer, pouco depois.

Debaixo duma árvore forma-se um círculo de setenta rapazes e as espigas, já sem a carapela, voam para a eira. É uma festa!

Recolhemos quatro toneladas e meia de trigo, e o milho deve chegar para meio ano.

Eu vou colher e semear para outras paragens. Tinha dito aos Senhores de Lisboa que não retirassem de cá sem pagarem a maquia. Muitos assim fizeram, tendo aparecido no Montepio carradas de embrulhos e donativos vários em dinheiro; outros porém, fizeram-se desentendidos. É no encaicho destes que vamos até às praias. Os veraneantes de S. Martinho do Porto, apanhados de surpresa, despojaram-se alegremente, este ano, de 8.100\$00. Hoje estamos na Nazaré. A Costa do Sol continua bloqueada, mas lá para o sul parece que também há praias. Se alguém tiver devoção pelos Pobres, que nos chame que nós aparecemos logo.

Pelo correio, por mão própria e pelos ardinhas têm continuado a chegar mais embrulhos com fatos e calçado. De Lourenço Marques, quatro irmãozinhos enviam-nos também roupinhas para os nossos pobresinhos. «Um rapaz forte do corpo e de crenças» manda um fato. Dum estudante cujas condições não são óptimas, recebemos 20; 20 de outro, e mais 20 doutra; «duma mãe» e doutra «mãe agradecida», iguais quantias. Os empregados dos Produtos Lácteos continuam a produzir óptimas farinhas Nestlé, mas as melhores são as que vêm no cheque habitual. Os da Vacuum continuam também invencíveis.

Mais livros de Lisboa e revistas que já estão nas mãos dos numerosos doentes. 100 cruzeiros de visitantes do Brasil, açúcar e bolos de outros visitantes e mais dois dias cheios de carinho e sol com visita dos Vicentinos do Vale do Tejo e da JOC, de Lisboa.

De vários pontos de Lisboa têm vindo boas mobílias. Pouco falta já, para mobilizar o novo Lar que está ainda por descobrir.

De Loures 20 quilos de amendoim, sempre muito cobiçado para merendas, e, na Ericeira, duas cabazadas de fruta para o mesmo fim.

Um mealheiro cheio, de um petiz, que teve a iniciativa de o colocar algures; um saco de brinquedos para os batatas e roupinhas para os mesmos; mais pneus e papel velho; 10 quilos de manteiga. Para copos 40 e para livros 100, deixados discretamente no casal agrícola. Duma empregada da Farmácia Sanitas 7\$00 e 5\$00 de promessa. Em Fátima, um livro, e 25\$00 para lembranças. Em carta 60, e 70 pelos ardinhas. Da CECIL os 50 do costume e 100 da Caravela.

A Senhora dos emblemas deixou 500, e, se cá torna muitas vezes, fazem-lhe o mesmo que os de Paço de Sousa: partem-lhe o outro braço...

Finalmente cinco contos deixados no Patriarcado por um generoso anónimo. Este donativo veio depois dum raide pelos bairros sórdidos da Capital.

Foi um reconfortante.

Eu julgava que já tinha visto tudo e o pior. Enganei-me.

As Autoridades bem fazem por acabar com as furnas e barracas; os meios é que são discutíveis. Cada mês vão abaixo sete tocas. Como formigueiro calcado, pelo menos catorze famílias aparecem na rua com todo o recheio, a protestar. A pouco e pouco lá se vão aninhando outra vez em tendas de serapilheira imunda. Mal por mal antes as barracas...

À procura dum rapazinho que devia trazer para esta Casa, fui dar com uma barraca 3x3, com catorze moradores, com tendência para subir, pois até uma criança de 14 anos está para ser mãe!

Isto é uma miséria social, dizia uma inquilina. Tem razão. Bem podia ter dito que era grande a sua miséria; mas o mal é mais extenso: é um mal social, e não se vê por aí muito quem, de direito, ponha o dedo na ferida.

Casas para pobres... Casas para pobres!

PADRE ADRIANO



Os leitores recordam-se da tuberculosa que eu deixei de braços estendidos a pedir por tudo quanto há no mundo que lhe dessem cama num sanatório? Sim, recordam-se. Estas notícias não esquecem facilmente. A alma recebe, a memória guarda e o coração sente. Muitos devem, até, ter feito desta notícia a sua grande aflição. Pois bem; a todo se dá hoje uma grande alegria. Assim falaram os Anjos aos Pastores; grande alegria. *Nasceu-vos o Redentor.* Por amor Dele, tem hoje a nossa doente o que precisa e o que merece; uma cama. Eu vou contar: mal saí do Beco, então, e enquanto me ocupava a ver de como havíamos de lançar o salva-vidas ao naufrago, eis que me aparece um amigo a quem me abri. Acontece que ele também se abriu: *vamos fazer uma vaca.* E ali fechamos o negócio. A doente encontra-se agora num quarto particular do sanatório de Coimbra a pagar cin-

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Hoje, o Avelino, pousa as cartas sobre a minha mesa de trabalho e começa a fazer separação delas, coisa que até ali jamais tinha feito. Fez dois grupos; um pequeno e um maior. Depois de assim ter procedido, conta e informa: Ultramar dúzias; Metrópole, quase nada! E comenta: *a gente do mato vive agora em Portugal.* O Avelino! O senhor Avelino que não quebra um prato, a dar aqui uma valente chegada ós senhores continentais!

Deixou ele ficar o correio, como sempre faz, e foi-se para o seu trabalho. Eu começo. Vem a faca de abrir cartas e vem um lápis para qualquer anotação. Está o cesto. Estou eu. E desta feita estava a África Ocidental Portuguesa e estava a África Equatorial Francesa e estava o Congo Belga, tudo com pretos e peixes e árvores e passarinhos das mais variadas e deliciosas cores. Também estava S. Paulo. O Rio, idem. São Francisco da Califórnia saíu de casa e apresentou-se.

Não tendo quem o escutasse, diz a Lenda, que vieram cardumes ouvir Santo António. Alguns de ao pé da porta, recusam; vem nas cinzas, *Recusado.* Os de longe, suprem abundantemente. São cardumes. Querem escutar. Vamos prós cinquenta mil.

Outra coisa muito boa destas peixes, é o dinheiro. Eles não se esquecem e pagam os sermões mesmo antes de saber se eles prestam. Talvez que os de cá tenham razão. Fartos, como andam, de os ouvir, só no fim é que costumam pagar.

O Avelino tem estado a fazer serão até à meia noite, para despachar listas e listas e listas. Como eu tenho de ir aos Açores brevemente, em serviço, prometi-lhe. Se ele estiver em dia, vamos ambos. E nos Carregadores Açorianos. Espera-se que ele me faça tão boa companhia como fez, ao Brasil, o Zé Eduardo. Depois digo. Até lá, os senhores não se descuidem. Eu ando morto por não tornar mais a subir as calças do Terreiro do Paço. Mesmo que eles me ofereçam como agora fazem, o elevador, nem assim. Nem de elevador. O que eu mais desejo é que todos tenham por lá muita saudinha e me deixem viver por cá. E não tem sido assim. Não tem não senhor. Não faltam aqui *Notificações* para ir pagar a multa X no prazo de dez dias, e *Intimações* para mandar dados e contas, e *Avisos* de processos disciplinares e mais e mais e mais. Não pode um homem trabalhar por Amor de Deus que lhe não caia em cima o zelo burocrático.

Os senhores não se descuidem. Mais assinantes. Mais dinheiro à frente. Mais revolução. Libertem-me se verdadeiramente amam a Nação.

quenta mil reis por dia, fora o mais. Pataca a mim, pataca a ele e acabou; nós fizemos uma vaca. O Morris andou. Tudo isto tem a sua graça e seria até bonito de ler, se não fora o trágico. A tragédia social. *Quem está doente, que eu também não esteja? Quem há aí que sofra e eu não?* Isto era ontem e também devia ser hoje porque é doutrina. É o Evangelho. Mas não. Infelizmente não é assim. A maior parte dos chamados cristãos, abituada-se, perde a sensibilidade e não sente este pecado! Toma-se por natural o deixar morrer à fome um doente que não tem dinheiro para se tratar. E como se isto fora pouco, ainda se lhe junta mais: se esse doente tiver dinheiro, trata-se! Eis aqui o trágico. O que eu digo é uma denúncia. Aonde a pronúncia? *Faze aos outros o que gostarias que te fizessem a ti.* Pronto. Nada mais simples. É o Juiz. Por isto nos salva e por isto nos condena. Outros despachos, outras sentenças, outra doutrina; tudo que não seja aquilo, é falso.

Temos a nossa doente no lugar que lhe pertence. O meu sócio e eu empenhamo-nos. Ambos somos pobres. E agora? Agora pedíamos uma ajuda; uma ajuda de todos. Todos somos poucos para salvar o mundo do Barredo. Vamos a ver. Ali é terra de heróis. A gente passa ao ver e ouvir. Eu conto. É uma mulher ainda nova, tisonada do sol e esmagada da vida. Vende na Ribeira quinquilharias. *Tem dias que não tiro nada.* E deste nada que ela tira, sustenta o seu marido, que é um doente e agasalha uma espécie de ser humano, rejeitado dos hospitais por incurável e que ela hoje coloca numa pedra de qualquer rua do Barredo, a pedir, e à noite, deita na sua casa. O Barredo é terra de heróis! Talvez que esta mulher, pelo seu aspecto e falas, seja considerada de má nota, talvez. Mas no Céu é conhecida. Assim eu seja! Tais coisas ouvi da casa onde ela mora e vida que tem, que me determinei e fui lá ter. Bati à porta. É um bocado dum armazém que custa à heróina duzentos escudos por mês. O homem estava em casa. Era verdade o que a mulher me disse; *tem uma coisa ruim.* E que ruindade; um cancro na boca! Ele levanta-se da enxerga e acende um lampião. Quer que eu veja. Encosta a luz ao pé. Parecia-lhe ser isto o remédio de uma doença sem cura. Nós somos todos assim. Quanto mais incuráveis são as nossas feridas, mais a gente gosta de as mostrar aos outros. Ali de onde estava, o doente, lampião na mão, conduziu-me ao fundo do armazém. Era o hospede que, já sem forças para ir mendigar, fica em casa. O Barredo é terra de heróis! Aonde o poder dos hospitais acaba, começa o amor dos heróis desconhecidos! O canceroso é um homem da beira-rio. Pelo seu aspecto e linguagem, talvez tenha passado por homem de má nota; talvez. Mas é conhecido no Céu. Assim eu seja! Eu cá vejo tudo às avessas. Inclino-me para esta classe de gente e não acredito no que os grandes dizem e fazem.

P. S. — Temos recebido ultimamente de vários pontos, peças de roupa interior para casos de

Nota da Quinzena

Temos aqui uma carta a dizer assim:

«Os meus parentes estão tão contentes com o segundo rapaz, que me pedem um terceiro de 17/18 anos fisicamente e moralmente forte. É para um trabalho mais forte, puxado. Além disso há uma outra vaga para chefe de armazém, mas para aí é preciso um rapaz possivelmente já livre da vida militar e de sua inteira confiança. Eles não se importam dum com 19 anos e se for capaz, esperam depois durante o período da vida militar».

O primeiro que se empregou na firma, foi o Norberto. O muito conhecido e antigo refeiteiro da *mesa dos senhores*, que tinha a minha fruta escondida numa gaveta do refeitório, aonde também guardava os seus sapatos, e foi pelo cheiro que eu dei fé... Além destas, muitas outras, como ao tempo se dizia. Pois foi ele o primeiro.

O segundo foi o Rogério. Dele se fala hoje no *Isto é a Casa do Gaiato*. Como não hão-de estar contentes, pois se ele mesmo causa tanta alegria e faz chorar, por ter rogado à sua pobre, que não chore a sua ausencia,—Como?! E agora, a gerência da casa, pede um terceiro e mais um quarto. Muito bem. Isto é um crédito. Mas nós já não temos um terceiro e mais difícil ainda, um quarto; *um da sua inteira confiança.* Mas é por não termos rapazes? Não senhor; temos centenas deles. Então quê? Não os podemos recomendar!

Se os bons são poucos em qualquer parte, aqui, muito menos. Nós não devemos enganar ninguém. Eu não posso mentir.

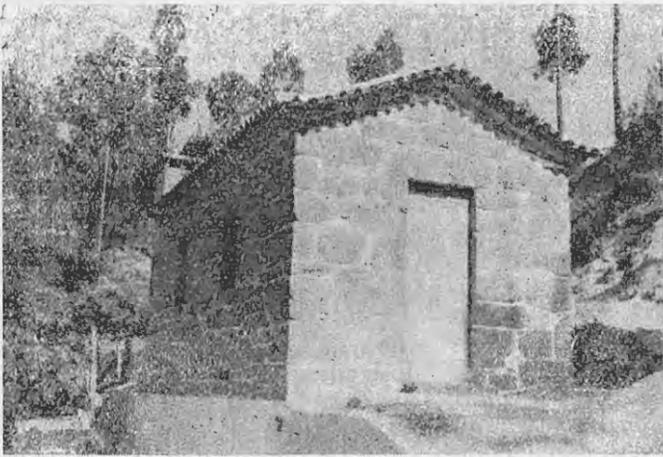
Aproveitei esta carta e com ela fiz doutrina a um grupo aonde há deles na idade e nas condições, mas que não têm sabido aproveitar. Talvez que agora esses tais, ao verem a porta aberta e luz lá dentro e eu sem os deixar subir; talvez digo, que cada um bata no peito e considere. Pode ser. Não há nada impossível a Deus.



Dois amigos à esquina, num cantinho do Tojal. Todos quantos trabalham activamente e eficazmente, de qualquer sorte, para retirar a Criança do abandono, gozam, naturalmente, esta deliciosa vista.

que se fala nesta página de sangue. Por nós, umas vezes, e outras, pelos nossos vicentinos, tudo chega ao seu destino e é religiosamente entregue.

Dinheiro, não se fala! É mais escondido; é mais fácil; e é do que nós mais temos.



Eis o tipo de uma delas. Outras são maiores. Com outros tipos e materiais, consoante as regiões, elevem-se mais casas. Milhares. Se substituirmos a Barraca pela czinha, ninguém se atreve a destruir as nossas cidades. Não há mais flage-

los. Deus não permite. Os senhores acreditem nesta verdade eterna e não decretem sem dar notícia ao Supremo Legislador. Sem Ele — nada.

Agora

Ainda não temos o dinheiro, mas temos a notícia dele, que tanto faz. É a casa do Sarrabulho. A carta aberta ao amigo Horácio do Rio de Janeiro, produziu efeito. O dinheiro chegará qualquer dia. A casa vai ser brevemente ocupada. Viva o Sarrabulho! Oxalá outro tanto se possa dizer da carta aberta aos senhores dos diamantes. Vamos a ver. Vão aqui 20\$ de alguém. A Maria manda o seu primeiro netinho com uma telha na mão de vinte escudos; é um anjo que vai na procissão. Alguém que não diz o nome leva 600\$. Um pároco, a ver se lhe fazem uma residência, leva cinquenta; vai um padre na procissão. Isto hoje é procissão. Agora vai um de Chaves com cinquenta escudos. Um estudante de Lisboa ficou bem no exame e vai aqui com 20\$ a esfregar as mãos. Mais uma telha de Lisboa 100\$. Uma desconhecida com vinte. Alguém da Mealhada enfileira com cem, a que chama a segunda prestação. A Olívia de S.ª Cruz vai aqui amortalhada. Vai outra da Mortosa. O Porto vai com vinte. Uma valenciana leva cem. A Gracinha leva um vidro na mão de vinte escudos. Logo a seguir vai a Minucha com outro vidro. Mau, mau... A velhinha muito velha e orfã do C. T. T. pede o meu retrato. Que pena eu não ter um que lho mandava; é uma orfã velhinha. Mais cem do Porto. Mais uma telha de Lisboa. Meçamedes vai com 150\$. Agora vai uma apaixonada do Gaiato. Ora reparem:

«Curiosa e emocionante é a sua maneira de ensinar a dar... Ando a juntar, com grande dificuldade e há já muito tempo, um dinheirito para mandar fazer uma pequenina casa onde possa acolher-me, com uma irmã doente, quando me reformar.

Pois bem, desse minguado pecúlio vão 100\$ para os meus irmãos pobresinhos, mais pobres do que eu porque têm menos possibilidade de trabalhar, e neste dar, além do desejo de contribuir para o bem estar de alguns infelizes, vai também um pouco de interesse: o desejo de que Deus abençoe os meus empreendimentos e me dê luz e desprendimento para que em tudo eu O procure só a Ele e n'Ele confie plenamente através de todos os revezes, dores e contrariedades da vida.»

Outro padre na Procissão com cinquenta escudos e o dobro da Maria Helena de Coimbra. Cernache do Bonjardim faz-se representar com quarenta escudos e o Porto com cem. E duas telhas de

Alandroal conduzidas por duas pessoas a vinte escudos cada uma. A Cova da Iria vai aqui com uma casa completa, doze deles.

Ora agora vamos todos a arrumar um bocadinho para a valeta, enquanto Lisboa passa:

«Todos aqueles que não morrem cedo chegam a velhos e é tão triste saber que em chegando à idade vivemos da caridade alheia, depois de muitas vezes trabalhar anos inteiros, esabe Deus com que sacrifício, como me acontece a mim e a tantas pessoas, e não termos uma casa, só que consistisse em cozinha, casa de banho, e um quarto, mas era só nosso, eu pago 200\$00 por um quarto que quase não me posso mexer dentro dele, e esses 200\$00 não chegavam para pagar uma renda de casa mesmo pequena? Ora veja o bom Pai Américo como tanto se anseia por alguém que se lembre destas coisas.»

Outra arrumadela, e esta por mais largo. É o Porto. Vai passar o Porto: *Se fosse rico daria dinheiro para cinquenta*, diz, por carta, aquele senhor que já deu uma e hoje dá outra, das cinco que prometeu, *contando enviar-lhe no próximo mês mais doze contos para a terceira*. Diz-se um descrente. Alguém, que o viu entregar esta remessa, informa ser um cavalheiro de idade e muita apresentação. *O céu, o inferno, a vida eterna, o juízo final... não afirmo nem nego*. Eis um homem sincero que vai na procissão a dar testemunho de Deus, a mais de cinquenta mil homens! É verdade. Como poderia ele, por si só, dizer e sentir e fazer o que faz, se Deus o não amasse — como?!

Eu gostaria de lhe dizer algo daquelas verdades reveladas, que ele não afirma nem nega. Gostaria de dizer algo da Essência de Deus, sim. Deus é amor. Mas eu sou gago. Eu gaguejo. Quem pode?! Só Deus me pode dizer até que ponto me ama! Cristo, trouxe ao mundo esta Palavra de Amor mas era tão estranha, tão às avessas que muitos dos seus não acreditaram. E hoje, tirante meia duzia, é na mesma. Meu caro amigo e descrente, se eu pudesse alguma coisa neste campo, dava-lhe o meu sangue; seria a transfusão. Assim, não, posso nada e cá fico na atitude do publicano do Evangelho.

Os senhores querem saber uma coisa? Chegou a febre ao interior do Continente africano; à Guiné Francesa! Os portugueses que ali moram, querem bem à terra onde nasceram. Quem sabe? Talvez algum deles para ali tenha ido por não ter uma casa na sua Pátria e agora, de lá, ajudam a fazê-las para os outros; aqui vão mil angolares que se traduziram por mil escudos, no Cândido Dias. Perguntam-nos se aceitamos di-

Do que nós necessitamos

Mais um vale de Galizes da quantia de mil e duzentos escudos. Não sei bem do que se trata mas cui-o que, por não se ter mandado uma lata para azeite, mandou-se o dinheiro para ele. Mais 20\$ de Avelãs de Caminho. Mais ue algures cem escudos de uma mãe para os infelizes do Barredo. A esta mãe digo que o Espelho da Moda é na rua dos Clérigos número 54. Mais 100\$ de um casal de Jangamo. Esta terra é em Moçambique. Digo cem escudos por quanto, na Casa do Gaiato, cem angolares valem o mesmo. Mais de alguém e de algures cem escudos em agradecimento de ter incutido em mim e tantos mais o dever e o gosto da Caridade. Ora disto é que eu gosto. Isto é que me sabe bem. Há muita gente por esse mundo fora que confunde caridade com justiça, e não é assim. Primeiramente enche-se o homem interior de justiça e ao depois transborda caridade. E sem aquela não há esta. Mais de uma promessa 30\$70. Mais quinhentos escudos da Praia da Granja. Mais cem escudos achados numa rua do Porto. Mais outro tanto de algures. Mais roupas de V. Nova de Ourém. Mais duzentos de Lisboa para os pobres do Barredo. Mais cem de Braga. Mais metade de Braga com doze colheres e uma camisola. Recebemos 50\$ para a confrência de Paço de Sousa e informa-se que o Lar do Porto é na rua de D. João IV 682 e o de Coimbra fica na Cumeada e a Casa de Lisboa é em S. Antão do Tojal; tudo portas abertas. Mais duzentos escudos do Porto. Mais estes cem escudos de Viseu:

«Diga bem alto no seu jornal que todo aqueles que quizerem evitar o comunismo soviético, devem todos, grandes e pequenos, obedecer ao comunismo do Pai Américo.

Os Barredos são na sua maioria filhos da falta de iniciativas, de inteligência. Que os homens de inteligência e organização superem esta deficiência, e a luz brilhará para todos.»

Mais de um sacerdote quinhentos escudos. Mais cem de Maria B. Mais Herminia Duarte com cin-

quenta moçambicanos. Mais cem de algures.

Mais idem, Mais roupas do Alfr. do António. Mais cinquenta de um flavien e. Mais cinquenta de Amélia para os pobres do Barredo. Mais de Lisboa de um homem que não crê em Deus, nem gosta dos padres. Mais cem de Nova Lisboa. Mais cinquenta de um sacerdote. Mais um mundo de coisas retiradas do Depósito; tantas que nem couberam na caixa do Morris e mais agora, são férias. Que fará quando o Porto regressar ao Porto! Só uma camionete. Sim senhor; tranquilize-se o alguém de Longomel. Recebeu-se tudo em Julho. Tudo. Tirar o que vem para nós, é crime de mão cortada.

TRIBUNA DE COIMBRA

Já que não podemos segurar a vida neste mundo, procuremos segurar a vida eterna. Foi isto que levou o Pai Américo a lançar-se arrojadamente nesta campanha de Casas para Pobres. É o seu testamento. Ele diz que não tem mais que deixar, mas ao menos quer deixar por esse Portugal fora uma sementeira de casinhas airosas para pobres. Que grande testamento! É mesmo único. Não de ficar espalhadas por toda a parte. Primeiro junto das nossas casas. Os senhores viandantes encontrando uma casinha com a legenda gravada *Património dos Pobres*, ficam logo a saber que perto há uma Casa do Gaiato. São marcos a orientar. São os Pobres a dar luz e guiar.

Vamos começar a construir a primeira no centro do país. O Sr. Padre Américo já me prometeu uma. E uma doentinha já me mandou cem para uma telha das casas para pobres. E muitos senhores de Coimbra me têm dito que comece e que tudo há-de dar. Vamos começar e a primeira há-de ficar pertinho da Casa Mãe da Obra, muito aconchegadinho para resistir aos primeiros tempos e para depois comunicar vida a outras.

Tão depressa consigamos uma nega de terreno, logo lançamos a primeira pedra. Atenção, pois, portugueses do centro de Portugal; presentes todos, embora ausentes no Ultramar ou no Estrangeiro. Enfileiremos todos cada um com seu distintivo: pedras, tijolos, telhas, vigas, tábuas, caixilhos, vidros, janelas, portas, dobradiças, pregos, parafusos, fechaduras, cal, cimento, barrotes, tintas, tudo o necessário. Como há-de ser assim viva e alegre a procissão!

Ontem de passagem fui dar um recado a uma pobre, mãe de muitos filhos. Falamos do nosso rosário e ela chamou a casa de uma vizinha. Era a mulher daquele que esteve a agonizar no hospital e agora não pode trabalhar. Ela estava já há dias na cama com umas hemorragias e junto dela uma filhinha muito doente também. Ao ver-me pôs-se a chorar a sua sorte. *Parece que foi praga que nos rogaram, Sr. Prior*. Eu preguei e disse que as pragas não têm valor algum. A vizinha acrescenta: *isto é tudo fome*. Tinham-lhe dado uma pinguinha de café, mas ela com dó do homem não tomou nenhum. Daí a momentos ele afirmava-me: *palavra d'honra, Sr. Prior, ontem deitamo-nos sem ceia e hoje estamos assim*. E era quase noite.

A doença dele foi devida ao encheramento da miserável barraca onde vivem: *tenho 26 anos e tenho pena*. Se eu tivesse já uma casinha para eles, até me parece que a doença lhes desaparecia.

UM LIVRO

Desta feita não é coisa minha; é do Padre António Brandão, pároco da freguesia de Cedofeita. Este Pastor vem-se servindo de todos os meios para ensinar as ovelhas, tanto suas como estranhas. O que ele quer é ensinar. Por isso mesmo escreve, pública, mete-se em casa de todos. Agora mesmo chega às minhas mãos o segundo volume de *A Educação Sexual*. Em o primeiro, era a mãe a dar lições à filha; neste, é o pai que as dá ao filho. Mas é tudo um mesmo lar. É uma família; pai, mãe e filhos. Assim como no primeiro a mãe fazia a sua filha, também neste segundo volume, é no momento próprio que o pai ensina o filho. Ele revela. Ele previne. Eleva o filho ao conhecimento do seu Criador pelas íntimas e delicadas maravilhas da criatura. Eu tenho que este livro deve ser o compêndio dos pais. Ninguém, como eles, ama seus filhos. O Amor procura o melhor.

nheiro francês. Aceitamos sim senhor. E por hoje não vai mais ninguém. Se juntarmos às quantias passadas as de hoje, diremos que já

Faltam só 1.042.750\$00

PADRE HORÁCIO

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO Espero que tanto os meus colegas, que vivem debaixo das mesmas telhas em que eu me encontro, como toda a Juventude de Portugal, não me levem a mal estes meus desabaços, que podem acreditar são sinceros. Hoje mais do que nunca, nós os jovens de todas as nações temos uma tarefa um pouco difícil. Os perigos surgem com maior frequência, e nós também nos deixamos arrastar com mais facilidade.

Os homens tornaram-se maus. Os povos agitam as armas, derramando-se sangue sem dó nem piedade. Vive-se numa incerteza, em que esta produz a desconfiança entre os homens e as nações.

Li, numa revista, esta acertada frase: «A incerteza é um ácido que nos dissolve o cerne do eu, e nos transforma em alguma coisa que não devíamos ser.»

Portanto, alerta Juventude! Não vos deixeis transformar naquilo que não deveis ser. Que nenhum de nós queira viver na incerteza e desconfiança.

Lembra-vos que nós somos a força e o sangue do País a que pertencemos. Lembrai-vos, que só com o nosso esforço, a nossa doutrina e a nossa honestidade, a Pátria e a Família se tornarão mais forte, mais prudente e mais progressiva.

Sim, a nossa tarefa tornou-se difícil. O jovem de hoje não é igual àquele de há vinte anos para trás. Assim nos dizem os velhos.

A maior parte dos jovens de hoje deixam-se manobrar mais facilmente, para a incerteza, por aqueles que vivem nela. Alerta Juventude!

Ainda é tempo de recuperarmos o terreno perdido. Ainda é tempo de ganharmos uma batalha, que embora nos seja difícil, porque o adversário se tornou mais forte, nos é possível pela nossa confiança e certeza com que nos atiramos para a luta.

Na oficina onde trabalhas, no campo onde cultivas, na escola onde estudas, sempre que te seja possível, levanta a tua espada com vigor; luta até venceres.

Essa tua espada é a doutrina, da qual que morreu por nossa causa. É a doutrina de Jesus Cristo. Ela mais do que nenhuma tem que ser a arma para a tua vitória.

Jovem que me escutas; eu também sou rapaz como tu, também tenho as mesmas dificuldades, por isso aqui deixo o meu alerta para todos que comigo queiram despertar do sono em que vivem.

Agora para terminar estes meus desabaços, quero deixar um alerta para todos os meus colegas que como eu estejam dentro das nossas casas.

Nós temos obrigação de sermos os pioneiros duma Juventude mais sã. Vós bem sabeis o que fomos e o que agora somos. Nós mais do que nenhuns, já conhecemos os homens maus.

O nosso passado é mais triste e doloroso. Que horas amargas!... Que momentos de desespero!

UM PFDIDO: O desenvolvimento e as diferentes actividades na nossa comunidade aqui do Porto, criaram um problema que os nossos estimados leitores poderão, com certeza, resolver—há necessidade de uma máquina de escrever. Será possível?

A ver vamos. Os leitores têm todas as palavras, e mais esta...

CARLOS GONÇALVES

ERICICEIRA S. Julião da Ericiceira, vive, este verão, dias alegres, em que, de manhã à noite, a vozaria infantil do garoto da rua, não deixa de se ouvir, na encosta sobranceira ao mar, desde as barracas que nos alojam, à praia onde nos banhamos. É a colónia de férias dos gaiatos do Tojal. Apesar da monotonia aparente dum viver sempre igual, — como, brincar, dormir, é tudo, — no entanto os dias deixam saudades: o entusiasmo dos que frequentemente vêm chegando renova a alegria dos que por ventura se encontram menos contentes.

Nem comodismo, nem luxo; nem aborrecimento, nem insatisfação.

Pela manhã — não muito cedo, pois o serviço permite, — oferecemos a Deus o nosso dia todo, na encantadora capela de S. Julião.

Segue-se o café, o almoço e depois o jantar. Mas comer não é tudo. Sim, constitui algo de importante, para quem se encontra em regime de descanso. Contudo, ninguém dispensa o banho. Quando alguém se escusa, logo os outros lhe agarram pelos quatro membros e o expõem à fúria das vagas, que não são para brincadeiras. Certo dia, um desses vagalhões revirou um gaiato, que ficou a esperar debaixo de água.

E quando surge o cansaço de tanto banho, de tanta areia e de tanto sol, — pois só em Deus, Sumo Bem, o nosso coração descansará, sem tédio, — voltamos costas ao mar, vamos para o quintal. E, em breve, os bolsos ficam repletos de pinhões para entreter o estômago, nas horas de vagar.

Pela tarde, há um momento de real interesse para poeta, de alegria para Deus e de satisfação para quem o presença: é o terço. Todos juntos à sombra dos pinheiros resinosos ou, na praia, ao calor escaldante do sol, disputa-se a honra de presidir à reza.

Banho, jantar e por fim um almoço: — reza tu hoje, que eu rezo amanhã, e ficamos amigos como dantes.

Ao escurecer, uma serenata, no refeitório. Cantigas e mais cantigas. É sobre um banco. Não

pode faltar o pequenino Paulo o "nosso polícia" de fralda de fora e nariz sujo, a cantar:

— "Minha mãe é minha" "amigüia". Quando coze, dá-me um bolo... O Américo, dizem que, verdadeiro intérprete do fado português — honra lhe seja, — como sempre é aplaudido pelos camaradas.

É mais o Pardaleiro e afinal somos todos a cantar.

Depois, o deitar. E bendizemos a Deus, pelo dia que passou, pela comida que nos deu e pela fruta com que uns senhores tiveram a gentileza de nos presentear. É a caridade cristã. É o amor por estes rapazes abandonados dos homens que não de Deus. Pois, o "amor", a palavra mais banalizada, traduz só por si o Evangelho. Bem hajam.

B. S.

COIMBRA Precisavamos de colchas para as nossas camas. Elas chegaram até nós. Foi o Sr. Carmo que as mandou. As nossas camas até vão ficar com outro aspecto. Ao Sr. Carmo estamos muito gratos e desejamos-lhe a ele e a sua nova loja muitas felicidades.

Estão a decorrer os costumados peditórios. Desta vez foi no Luso e no Buçaco que renderam 2.000\$00. No último domingo foi na Figueira da Foz na capela do Forte. A maior parte das pessoas que assistiram à missa já tinham dado em Coimbra. Mas não deixaram de dar mais uma vez. Este rendeu a quantia de 3.390\$00. No próximo domingo é na praia da Nazaré.

Já encontramos mais um pobre. Este pobre tem na sua casa que é muito pequena nada menos do que 12 pessoas de família... Não tem ninguém que lhe ganhe um tostão ao menos para comer! Alguns doentes, outros fracos etc. Para auxiliarmos este pobre tivemos de diminuir as senhas de 10\$00 para 7\$00! O dinheiro na caixa vai fugindo, parece que tem asas... Quão triste é ver naquela casa 12 pessoas todas com um aspecto estranho! Mas nós temos de combater para seguir o caminho da vitória. Se não lutarmos seguimos o caminho da derrota, mas este caminho nunca o havemos de seguir. Temos de lutar e para isso é preciso a colaboração de todos os leitores e amigos da Obra do nosso Pai Américo. A Obra que em Portugal, além-mar e estrangeiro alcançou grande fama.

JOSÉ MARIA FERNANDES

S. JOÃO DA MADEIRA Após um pequeno interregno, volto à minha tarefa de crónica. Depois deste espaço de tempo vou contar aos nossos Benfeitores alguns acontecimentos que recentemente se têm passado entre o nosso meio familiar. Eis o primeiro: depois de esperarmos impacientemente quase um ano, pela tão falada máquina de costura, esta surgiu-nos inesperadamente no momento mais difícil e preciso. Porém, nós os que trabalhamos na OLIVA, já nos tínhamos reunidos, e um dia esperamos o nosso supremo Patrão fora da Fábrica. Pedimos-lhe uma máquina das que ali são construídas. Não nos disse que não, disse para esperarmos mais algum tempo. Ora nesse tempo em que esperavamos iam falando particularmente nas colunas do famoso. A necessidade era tão grande que o nosso Pai Américo entrou também na contenda. Resolveu fazer um simples apelo à primeira. Graças a Deus! Este apelo foi muito bem atendido.

A nossa biblioteca estava por assim dizer praticamente parada. Por virtude disso mandou-se renová-la. Mandaram-nos três armários, dois para pregar na parede e outro para ficar em baixo no chão visto ser o maior. Para a estreia da biblioteca, uma senhora de Viseu residente na Avenida da Bélgica 123, mandou-nos alguns livros de Aventuras da Coleção Emilio Salgari. Estes livros têm-nos entusiasmado ao máximo. É pena não termos a coleção completa! Que pena! Esta coleção de Emilio Salgari, grande romancista italiano, é muito grande. Os romances que mais nos têm apaixonado são: O Corsário Negro; A Rainha das Caraíbas, enfim todas as edições pertencentes a esta coleção, mas principalmente a dos corsários. Não quero pedir livros directamente, mas se os senhores por aí tiverem alguns, deste já lhe ficavamos muito gratos... A Senhora que nos mandou os primeiros sinceramente muito obrigado. Se houverem mais alguns...

Conforme já tínhamos anunciado numa das mais recentes crónicas, escrevemos para a Redacção da Flama, no sentido de nos mandarem gratuitamente a dita revista. Tal facto foi coroado do maior êxito. Mandamos a carta, e passados alguns dias tínhamos a resposta certa. Não pude vir na semana imediata, veio quando pude. Já recebemos as Flamas relativas ao mês de Junho. As do mês passado e as do presente ainda não recebemos, mas temos a plena certeza de que os senhores da Flama não se esqueceram do nosso apelo. A quinzena passada foi fértil em produtos oferecidos. Salientamos em primeiro lugar um relógio oferecido pela Senhora D. Rita de Oliveira de Azemeis, um casal de coelhos oferecidos por umas senhoras desta terra, e além doutros artigos, temos recebido fruta com abundância por intermédio da Senhora D. Laura, que não se poupa em pedir aos lavradores, alguma coisa, os quais oferecem com a maior vontade.

JOSÉ MARIA SARAIVA

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** O antigo Xancaixé hoje, o Rogério, empregado no Porto, antes de seguir para o emprego, convida a seu companheiro a quem ensina a morada da sua pobre mãe-las voltas que ali tem de dar. *Eu ensinei-lhe aonde é a fonte*, explica-me ele no seu regresso. A fonte! A grande amiga dos pobres das aldeias e o pequenino Rogério, por saber isso, vai mostrá-la ao seu substituto: *eu fui-lhe mostrar a fonte*. Depois das voltas dadas e seu companheiro inteirado delas, vem a hora da despedida quando o Rogério diz à sua pobre que não chore, que ele a há-de visitar sempre que do Porto venha a Paço de Sousa. Ela escuta e guarda no coração aquela doce promessa. Por muitos anos, quer chovesse ou fizesse sol, o Rogério foi o seu canto matinal e agora

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Temos tanta confiança nos nossos leitores, que, apesar de deficitários, vamos admitir mais um ou dois Pobres! Temos de ser loucos; loucura na confiança. Não há no mundo consolação tamanha que mais desperte o brio interior de quem quer que seja, como ser depositário da confiança. Ela é a base de todo o entendimento; ela é a base do que de maior se constrói nos espíritos. Confiar. Nós podemos afirmar aos quatro cantos, quanto apreciamos, quanto tememos esta doutrina, que por ser certa e melindrosa, desperta em nós, tudo o que de bom podemos e devemos fazer vir à tona. A palavra, já de si, é bela—confiança!

Pois meus senhores, cá estamos atrás dos da massa... Estamos *fanados; fanadinhos*... Ele há-de vir; se vem! E deverá cobrir todo o deficit e chegará para o pequenino pé de meia, dos *extraordinários*... Ora tomem atenção: nós às vezes estamos tempos e tempos sem saber se há dinheiro ou não! Se falamos muito em quantitativos ao nosso Pai Américo—com a razão que todos conhecem—corre-nos! Ele é o primeiro a alentar-nos. Foi ele que com a confiança na Providencia e nos homens bons, levantou o que os nossos olhos admiram, a bem da sociedade.

Segue o que chegou até nós. Do Porto 20\$00; dum Senhor cujo primeiro nome é José. De algures 50\$00. Gouveia reduz as nossas dívidas para menos 50\$00. E por fim é do Brasil; os senhores *brasileiros* vão sempre por aí fora e uma das provas veio de Tijuca, donde nos remeteram 250\$00! Senhores do Brasil mandem mais; muito mais. As nossas despesas são cada vez mais volumosas. Esperamos.

J. M.

FALTA DE TRABALHO

Muitos não sabiam que executávamos serviços de tipografia, de todas as formas e tamanhos; de todas as maneiras e feitios. Nós apitamos, gememos e pedimos para repartirem por nós alguma coisa. E pronto, vá de ceder algo para funcionarem as nossas máquinas. Foram facturas, envelopes, recibos, talões, etc. etc. ...

Esta nossa doutrina confunde, muitas das vezes. Oh engano! Nós não usurpamos. Pedimos que repartam. Melhor distribuição. Ora aqui está. Por isso, nada de confusões.

E queremos mais. O que veio até agora ainda não chega para o que desejamos. Não chega. Estamos aguardando o primeiro que precise de pôr a circular um *boletim*. Que não haja timidez; o nosso jornal é a prova real de quanto podem os nossos gaiatos. Em tudo o nosso princípio—composto por eles; revistas as provas por eles, emendadas as mesmas por eles; paginado por eles! Ver isto é viver. Amar isto, é darmos-nos sem restrições. Beleza das belezas!

Hão-de vir mais neste cortejo. A confiança é a nossa pedra de toque. Porque assim é, mais um pequeno conselho—para qualquer necessidade de impressos tipográficos, a Tipografia da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, espera as vossas ordens. E por hoje mais nada.

J. M.

ia ser substituído...! Ela guarda a promessa no seu coração. A seguir vai à caixa de onde tira uma saquidinha dentro da qual estavam guardados os seus brincos o'ouro, presos por uma fita de seda azul; *toma meu filho são da minha mocidade*. Esta herança, oiro sobre azul, encontra-se hoje no cofre da nossa casa tal qual foi entregue, e a seu tempo irá para as mãos do legítimo possuidor.

*** Eu vou dizer como o Orlando Nightingale fez o seu exame de admissão. Faisca, que é o mesmo, ao ter feito a 4.ª classe, há uns três anos, baixou às oficinas de alfaiate, aonde esteve até hoje, prestando provas; as nossas provas. Eu cá respeito muito a Ciência para mandar um qualquer.

Em Junho deste ano, pediu-se ao professor Arlindo e ele, amavelmente, preparou o rapaz para o acto.

Chegou a maré das provas, e Faisca vai sózinho até ao Porto, saber como as coisas por lá andam. Chega a casa e informa que havia 500 deles e que 91 tinham ficado mal, mas ele não.

Falei-lhe em cunhas e Faisca responde: *eu fico bem. O professor pouco por mim. Eu sei*.

Chega a maré das orais. Faisca toma o combóio em Cete e foi levado, outra vez sózinho; um dia foi a suplenção, e no segundo efectivo. Andou por lá dois dias. Seria um dos mais nequenos. Ele usa calções. Dormiu no Lar do Porto. Esqueci-me do Faisca. Entrementes, fui a Lisboa. Ali, ao tentar falar com um senhor, este fê-lo de má catadura. Estava muito aborrecido e contou-me de como um seu filho tinha apanhado uma gata na admissão. Lembrei-me do Faisca...

Chego a Casa. Faisca vem ao meu encontro. *Eu não lhe disse? Fiquei bem*.

Calções, sapatos, gravata: *andei sempre sózinho*. Fingi não acreditar e que ia pedir uma certidão. *Pois peça; eu fiquei bem*. Faisca tinha um mundo de coisas a dizer-me: o seu primeiro contacto com o mundo livre e ele livre. O seu primeiro acto público. Contou dos professores, professora na mesa e de como eram muitos rapazes e de como eram todos fidalgos.

— Como sabes isso?
— Eram muito branquinhos e não trabalham.

— Como sabes isso? Vê-se logo. Eis aqui um homem que não quer andar ao colo de ninguém; e também não há-de gostar de pegar nos outros.

Já o *Tangerina* me dissera aqui, quando eu lhe perguntei se ele não tinha medo do seu exame.

— Fico bem. Porque dizes isso?
— Porque os outros também ficaram.

Disse e desandou. Outro homem que há-de vencer. Ficou distinto. Trabalha no Porto.

Os senhores não tenham medo; não tenham medo desta sorte de rapazes. Tenham mas é dos *branquinhos que não trabalham*.

O Faisca fez a admissão ao Liceu e segue em Outubro próximo o caminho das letras. Nós temos necessidade de professores em todas as nossas casas. Ninguém como eles o podem ser. São irmãos na cátedra. Mal tenham o seu diploma, o Ministro nomeia e eles tomam conta. São de casa.

(Continuação da 1.ª página)

derá salvar o mundo! Só nele é que eu e pei!

Um estudante de Portugal

Para que em tudo seja louvado e conhecido o Pai Celeste, ao dar esta carta a lume, eu fico de joelhos.